

## **Mitologia e etimologia, Paixões que se entrelaçam em Junito Brandão**

José de Oliveira Magalhães (UERJ)

Embrenhar-se no fantástico e maravilhoso mundo da religiosidade dos romanos antigos tornou-se tarefa agradável e muito facilitada com a publicação do Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana (1993) do muito querido e saudoso mestre Junito de Souza Brandão. A obra em completar a pesquisa iniciada pelo autor no Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega em dois volumes, 1991-1993. Reunidas, as publicações constituem ponto de referência para quem pretende enveredar pelos caminhos da formação dos sentimentos religiosos dos Filhos da Loba. Através da etimologia do mito, do rito ou da simbologia, ali são encontradas informações abalizadas e firmes que facilitarão o trabalho de qualquer pesquisador ou do simples amante da temática mítico-religiosa.

É importante ressaltar a preocupação do autor, na Introdução do seu Dicionário, em apresentar a ligação histórica da religião romana a partir de suas origens, sejam elas indo-européias, etruscas, helênicas ou orientais.

Do mundo indo-europeu os itálicos adotaram deuses não antropomorfizados, sem preocupações com a genealogia divina. *Iuppiter*, Júpiter, por exemplo, não tem forma, é a luz que brilha nos raios e relâmpagos, bem como Diana, o lado feminino do grande deus. São também indo-europeus o culto das árvores do fogo procriador e oracular, a zoolatria e a profusão de *numina*.

A influência etrusca se faz sentir nas relações entre os homens e as divindades a partir do século VIII a.C. Os sacrifícios expiatórios, a observação dos prodígios e a aruspicina (arte divinatória através da qual os etruscos previam o futuro interpretando os fenômenos presentes, tendo como base as vísceras dos animais, os relâmpagos e os raios e os ritos) comprovam a influência etrusca na multifacetada religião romana pré-cristianismo.

Já as divindades helênicas penetraram em Roma por etapas em circunstâncias diversas através do culto público e privado. Apolo e Diana surgem como protetores e patronos da *urbs* sem maiores referências ao prestígio de que gozavam em Atenas. Os auspícios, os prodígios e demais formas oraculares estavam ligados aos helenos como elementos para desvendar o futuro, enquanto para os romanos a preocupação era a sorte.

Há uma razoável lista de empréstimos e “assimilações” feitas pelos gregos aos romanos com características semelhantes das divindades. Alguns mais conhecidos são (os romanos entre parênteses): Grécia: Afrodite (Vênus); Apolo (Apolo); Ártemis (Diana); Atená (Minerva).

No final do século II a.C., com a expansão do Império, intensificavam-se os contatos entre a *urbs* e os reinos greco-orientais da Macedônia, Síria e Egito. Com isso chegaram oficialmente a Roma o culto e o ritual exótico de Cibele, Átis, Adônis, Isis, Osíris, entre outros.

Deve-se assinalar que foi o interesse de caráter imediatista do Império que levou os descendentes de Rômulo a nacionalizarem as divindades dos povos vencidos, assegurando-lhes o ritual de origem, mas sob a vigilância sacerdotal. Como afirma o mestre Junito Brandão, “o importante era a marca política e a regularidade do ritual. Vale dizer, o divino converteu-se num instrumento poderoso e útil, não apenas de segurança do Estado, mas também de tranqüilidade individual, desde o útero materno até o outro de Prosérpina”.

*Carmen Saeculare*, de Horácio – Hino oficial dos Ludi Saeculares de 17 a.C.

Esse conglomerado de divindades encontra-se muito bem representado em um dos mais belos e notáveis poemas produzidos pelo genial poeta do lirismo latino, Horácio. O *Carmen Saeculare* é uma ode patriótica constituída de dezenove estrofes de quatro versos. E feita por solicitação de Augusto para ser o hino oficial dos *Ludi Saeculares*, de 17 a.C.

Segundo o mestre Junito Brandão, *ludus*, designa “jogo, divertimento, passatempo” e, no plural, *ludi*, “jogos de caráter religioso ou oficial”. Os jogos pan-Helênicos (Olímpicos, Neméios ou Nemeus, Istimicos e Píticos) realizaram-se de quatro em quatro anos, oportunidade em que os gregos assistiam às competições e festejavam seus vencedores como heróis. Já os romanos aproveitavam esses eventos para pedir às divindades que assegurassem uma boa colheita, mantivessem o Estado firme e inexpugnável, ao mesmo tempo em que agradeciam as vitórias nos campos de batalha e faziam preces para

que os bons augúrios permanecessem por mais uma geração ou século.

Perfeitamente sintonizado com esses sentimentos, Horácio cria uma obra em que funde religiosidade e patriotismo envolvendo pela empatia toda a comunidade. Para uns, um hino patriótico; para outros, uma canção religiosa e para a maioria dos analistas a mistura de ambos.

Apolo e Diana, invocados no início, meio e fim do poema, são privilegiados em relação a outros deuses. E uma razão maior pode ser aludida para isso: eram os patronos de Roma. Apolo, do grego *Apóllon*, não tem ainda etimologia satisfatória, mas foi introduzido em época relativamente antiga, tendo sido, inclusive, construído um belo templo em sua homenagem por ocasião da epidemia que assolou Roma em 433 a.C. Durante as guerras Púnicas foram instituídos os *Ludi Apollinares*, celebrados de 6 a 13 de Julho. Augusto, por considerá-lo o protetor da *Gens Iulia*, mandou erigir um magnífico templo em homenagem ao deus no ano 28 a.C.

Diana é um derivado de *dius* e significa “do céu divino luminoso”, donde Diana é propriamente “a luminosa”. É também a deusa noturna, ou seja, a Lua, com esta confundida pelos romanos. Tornou-se a deusa protetora das virgens, mas presidia os partos sob o epíteto de Diana Lucina.

Convém ressaltar que Apolo era o deus da luz, também evocado sob o epíteto de Febo. Cabia-lhe proteger os campos, os navegantes, os artistas e os médicos. Da mesma forma como na Grécia,

tinha a importante missão de desvendar o Destino. De um modo geral era a divindade a quem os artistas pediam proteção especial para bem cumprirem suas tarefas, principalmente os poetas. Horácio chega a revelar sua dívida particular com este deus nos versos 29-30 da Ode IV, 6:

*“spiritum Phoebus mihi, Phoebus artem  
carminis nomemque dedit poetae”*

(“Febo me concedeu a inspiração, Febo me concedeu a arte do verso e o nome de poeta”)

Os oráculos sibilinos preconizavam muita luminosidade para os festejos dos *Ludi Saeculares*. Apolo e Diana tornaram-se assim as divindades escolhidas por direito histórico para presidirem aquelas festividades do ano 17 a.C.

No *Carmen Saeculare*, o primeiro verso da ode “*Phoebe silvarumque potens Diana*”, no vocativo, confere a necessária expressividade ao enleamento de todos envolvidos nas solenidades: um clima de ligação muito estreita entre o ser humano e divino. Roma vive um período de paz e a reconciliação com seus ancestrais. Como na *Eneida*, o poema vincula o destino de Roma à atuação de Augusto que, pela perífrase “*clarus Anchisae Venerisque sanguis*” (v. 50), descende da *Gens Iulia*.

Em certo sentido, é a poesia mediadora entre os homens, os heróis e os deuses e princípio da sabedoria imortal. Esta idéia, verdadeiramente bela, de uma mediação da poesia identificada com a

luz, a palavra, a sabedoria, é uma daquelas que sustentam a religiosidade do tempo, capaz de apoiar-se sobre uma filosofia autêntica e, assim, mobilizar em seu benefício representações religiosas ligadas à tradição, comovendo corações.

Profundamente envolvido desse sentimento, Horácio nos mostra a expressão *imperium romanum* com o significado de “poder romano”, uma realidade abstrata de essência jurídica e espiritual, simbolizada pela divindade de Augusto e de Roma (“*Roma sivestrum est opus*” – v. 37). Consagra-se, então, o mais importante suporte da ideologia augustana: o imperador e a cidade são inexpugnáveis porque são divinos.

Embora os *Ludi Saeculares*, como exigia a *praxi*, fizesse a ligação de um passado de glórias com a esperança de um futuro ainda melhor, o autor do poema-hino-oração não se descuidava das principais idéias de valores morais e políticos, arraigados na tradição, responsáveis diretos pela formação histórica e cultural de Roma. A fundamentação ideológica de sustentação do império passava pelo resgate desses valores também:

*“iam Fides et Pax et Honor Pudorque  
priscus et neglecta redire Virtus”* (v. 57-58)

Em *Fides*, a partir da época republicana, consubstancia-se um sentido social, político e jurídico, significando confiança, garantia da palavra empenhada, fidelidade decorrente de um juramento. Segundo o historiador grego Políbio, os romanos eram um povo “que respei-

tava o seu dever pela própria fidelidade decorrente do seu juramento”. A literatura latina, pelos testemunhos de Quinto Ênio, Cícero, Tito Lívio, Catão – entre outros, confirma o significado primitivo de *Fides* associado à crença, ao testemunho e à fé de caráter religioso. Personificada, *Fides* tornou-se uma das divindades mais respeitadas e cultuadas em Roma.

Conforme Junito Brandão, *pax* origina-se da raiz \**pac-*, “fixar por uma convenção, resolver por um acordo entre as duas partes”. Divinizada em Roma, *Pax* assemelha-se a *Eirene*, grega, a deusa Paz, como está em Eurípedes (*Orest.*, 1683). Vespasiano erigiu-lhe um templo denominado *Forum Pacis*. A deusa era representada com um ramo de oliveira, símbolo da paz, o caduceu, tradução do comando, e o Corno da Abundância, configuração da prosperidade.

Leituras diversas podem ser feitas dessa representação da deusa *Pax*, mas os três elementos por ela reunidos – paz, poder, prosperidade (interpendentes) – constituem o principal legado da ação política do governo, encarada na figura de Augusto, responsável direto pelo momento de euforia cívica e orgulho nacional de toda a sociedade romana.

*Honor* e *Pudor* estão associados a *Virtus*. *Honor* ou *Honos*, “a Honra”, dignidade (conferida a alguém), cargo honorífico, consideração, estima, não possuem etimologia conhecida. Enquanto *Honor* e a honra sob o ponto de vista da reputação, logo, dependente de julgamento externo, *Pudor* é a honra sob o ponto de vista do sentimento, a respeito de si mesmo. *Virtus* deriva de *Vir* (homem, varão, he-

rói) e contém o mesmo sufixo “-tut-”, presente em *senectus* e *ivventus*, marcando a atividade ou qualidade. O culto de *Honor* ao lado de *Virtus* é antigo. Personificadas e divinizadas ganharam um tempo por ocasião da segunda guerra Púnica, e ficaram dispostas de tal maneira que era necessário passar pelo santuário da Virtude para chegar ao da Honra, querendo assim indicar que a Honra só se adquire por meio da virtude.

A exaltação do regresso de *Fides*, *Pax*, *Honor*, *Pudor* e *Virtus*, no *Carmen Saeculare*, parece querer demonstrar claramente como política, povo e religião se harmonizavam num todo único, que se exprimia através desses conceitos.

Horácio evocou em seu poema todas as divindades: “*o colendi semper et culti... tempore sacro*” (v. 2-3-4), buscando harmonizar inspirações antitéticas (luz e trevas) em benefício de uma arquitetura que refletisse o sincretismo religioso da sociedade da época, de forma altamente respeitosa, fundindo religião, pátria, família e costumes dos antepassados. E, para que nenhuma divindade pudesse ser esquecida na oração que a todos pertencia, o poeta infere a expressão “*deosque cunatos*” (v. 73). Desta forma, acreditara ter atendido a todos os segmentos da multifacetada religiosidade romana.

Augusto imaginara um império romano vasto, sólido, inexpugnável, pacífico, feliz e duradouro e orientar sua ação governamental na exploração do sentimento coletivo que atribuía a grandeza de Roma e a paz reinante à conjugação de esforços divinos e huma-

nos. Cuidadosamente organizada, aquela ação transformou-se em ideologia de governo.

No poema, Horácio alterna o elemento divino e humano, fazendo com que expressão e conteúdo caminhassem juntos, em perfeita harmonia e equilíbrio, revelando-se um poeta coerente com os próprios ensinamentos na Epístola aos Pisões (Arte Poética), em que recomenda um padrão de arte ao mesmo tempo agradável e útil (A. P., v. 305 a 308). E, à medida que ícones, símbolos e signos aparecem, imagens vão sendo elaboradas de tal forma que, reunidas, vão paulatinamente modelando e construindo a imagem central do poema: a grandeza de Roma e da raça, no prolongamento de uma nova era cada vez mais feliz e próspera.

Vale a pena ler e reler, sempre que possível, esta coluna de sustentação do “*monumentum aere perennius*” do fantástico mestre do lirismo latino, sem esquecer de ter ao lado um bom dicionário de latim e o Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e Religião Romana do saudoso e admirável mestre Junito Brandão.

## **Referências Bibliográficas;**

BRANDÃO, Junito de Souza. Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes/Ednub, 1993.

FLACCO, Quinto Orazio. Le lettere. Introduzione, traduzione e note di Enzo Mandruzzato. Testo latino a fronte. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1983.

TORRINHA, Francisco. Dicionário latino-português. Porto: Porto, 1942.